

Sintonia de Arte e Arquitetura

Jornal de Brasília, Brasília, 1997

Claudio Telles

Athos Bulcão é, sobretudo, um pintor, este é o território que deliberou para sua arte ao iniciar a carreira, nos anos 1940. Entretanto, diversas experiências foram criando neste pintor uma familiaridade ímpar com a arquitetura e seu fazer. O momento era de grande efervescência da arte moderna no Brasil, sobretudo dos preceitos ligados à concepção do espaço arquitetônico. Em diversos projetos, foi dado destaque à questão da integração da arte com a arquitetura. A reavaliação da utilização do azulejo foi simbólica em relação às heranças culturais portuguesas, no que se refere ao uso tanto na arquitetura da península ibérica quanto na arquitetura colonial brasileira. Significou a retomada desta tradição pela arquitetura moderna brasileira, uma estratégia que se comprovou eficaz e foi repetida em diversos momentos.

Foi Oscar Niemeyer quem primeiro incentivou Athos Bulcão a realizar projetos para painéis de azulejos, para colaborar no trabalho de arquitetos. O artista desenhou para Niemeyer, em 1955, o painel de azulejos para o térreo do Hospital da Lagoa, no Rio. Athos Bulcão envolveu-se com a ideia da nova capital brasileira no seu começo. No período que antecedeu a inauguração, colaborou intensamente com Niemeyer: na Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Brasília Palace Hotel, no Palácio da Alvorada. A observação destes trabalhos permite condensar os princípios que regem as inúmeras criações posteriores. A utilização dos padrões de azulejos como módulos para compor os painéis já se faz presente, assim como a repetição destes módulos criando o ritmo com formas e cores. Estes fatores, aliados a uma especial simplicidade de soluções visuais, reforçam características existentes em todas as obras de Athos Bulcão.

O relevo em mármore e granito do Salão Negro do Congresso Nacional permitiu ao artista a criação de um painel em que o ritmo das linhas buscou atender às necessidades da percepção visual, e a extensão da parede permitiu exercitar questões do limite do percurso do olho humano por sobre uma superfície plana. A verticalidade e a interrupção das linhas foram utilizadas com intenção de adequar o plano à visão. Lição aplicada posteriormente nos outros relevos em mármore e granito, ou nos relevos compostos com mármore de diferentes texturas.

O relevo das fachadas laterais do Teatro Nacional, realizado nos anos 1960, é considerado um momento maior na obra de Athos Bulcão. Tanto por sua grandeza física, com 120 m de base e 27 m de altura, quanto pela imponente presença do painel relevo em relação ao edifício e à própria cidade. Esta forte presença ressalta a grande confiança existente entre o arquiteto e o artista: o painel define esteticamente o edifício. Houve uma perfeita comunhão de intenções: é difícil saber o que pertence ao arquiteto e o que pertence ao artista.

Observando o trabalho dos operários ao assentar um painel de azulejos, Athos criou um método de composição em que os trabalhadores fazem livremente a colocação dos azulejos. O sistema foi utilizado pela primeira vez na Escola Classe da 407/8 Norte, projeto de Milton Ramos, de 1966. A partir de então, utilizou este método várias vezes. Por exemplo, o painel de azulejos do Congresso Nacional, de 1971, com 1.200 m², é composto de três padrões em azul e branco e de azulejos brancos, criando o que o artista chama de “princípio de composição” para depois haver a livre colocação feita pelos operários. Isto permitiu obter o intenso movimento, acentuado pela variedade de posições que se multiplicam na composição dos azulejos no painel.

Desde sua primeira colaboração com Oscar Niemeyer, Athos Bulcão demonstrou a compreensão exata do papel do artista na obra arquitetônica, ou seja, estar estética e filosoficamente comprometido com as exigências do projeto arquitetônico, trabalhando em função do espaço proposto, destacando, valorizando e intensificando a presença da arquitetura. O perfeito entendimento dos princípios da arquitetura levou-o a ser solicitado por diversos arquitetos, como Glauco Campelo, Ítalo Campofiorito, Elvin Dubugras, Sérgio Parada e, em especial, João Filgueiras Lima.

Nos projetos de João Filgueiras para os hospitais da rede Sarah Kubitschek, está instalado um grande acervo de integração da arte com a arquitetura. Foi um feliz encontro profissional, pois o processo de construção do arquiteto é todo modular e encontrou ressonância no processo de criação de Athos Bulcão. O trabalho reveste-se de grande função social: os painéis buscam auxiliar o bem-estar dos enfermos e visitantes. Nas mais de 240 escolas públicas modulares, também do arquiteto, construídas de 1985 a 1992 em todo o país, Athos foi encarregado dos padrões para as portas: com função estrutural, estas portas são elementos lúdicos de incentivo à criatividade e recreação dos alunos.

Em sua monumental e grandiosa obra de integração da arte com a arquitetura, Athos Bulcão atinge os preceitos necessários, que são o de deixar o arquiteto e o edifício serem os autores e o artista ser um colaborador. Mas ele sabe tornar esta colaboração essencial. A exatidão de suas interferências está em acordo com afirmação de Émile Zola, feita em 1880, sobre os bem-sucedidos projetos de integração do pintor francês Puvis de Chavannes: “Sua bela ordenação é de uma requintada simplicidade. Sua originalidade e sua força residem na simplificação do desenho, na unidade do tom, nas vastas superfícies que ornaram os edifícios, sem esmagar ou quebrar a unidade da arquitetura”.

Iniciamos, agora, as comemorações dos 80 anos de Athos Bulcão, e isto é feito em um momento em que sua produtividade é muito intensa. O trabalho no ateliê, com as pinturas e as máscaras, é realizado com regularidade: novos projetos de integração estão sendo realizados. Os painéis de azulejos do Aeroporto de Brasília ou do Centro Cultural Missionário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil são exemplos de que o passar do tempo colaborou para ampliar suas soluções visuais. O painel do novo auditório do Hospital Sarah Kubitschek, instalado há poucos meses, é de uma beleza raramente possível. Com suas obras recentes, Athos demonstra vitalidade e prazer em seu ofício. Esta é a grande lição do mestre.